

SIMPÓSIO AT039

SUBJETIVIDADES NO DISCURSO LITERÁRIO: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM MANOEL DE BARROS

PEREIRA, Anísio Batista
Universidade Federal de Uberlândia
pereira.anisiobatista@ufu.br

Resumo: A proposta em questão se propõe a analisar, discursivamente, poemas do escritor brasileiro Manoel de Barros (1916-2014), pertencente à Geração de 1945, mas integrante, formalmente, do denominado pós-modernismo literário brasileiro, objetivando refletir sobre as construções de subjetividades que constituem o sujeito materializado nos enunciados de sua escritura. No que concerne ao suporte teórico-metodológico para análises dos poemas, a Análise do Discurso de vertente francesa será acionada, mais precisamente os conceitos de enunciado, discurso, sujeito e subjetividade, defendidos pelo filósofo Michel Foucault, nos quais ampararemos-nos, que integram à proposta arqueogenealógica. Como temática recorrente na obra do poeta em destaque, a infância ganha lugar especial, sendo do nosso interesse para esta pesquisa, uma vez que as análises se concentrarão no sujeito ligado à construção de uma infância que se apresenta na escritura do autor supracitado. Para tanto, serão tomados três livros como recorte: *O livro das ignorâncias* (1993); *Livro sobre nada* (1996) e *Exercícios de ser criança* (1999), por apresentarem um sujeito da linguagem em descoberta do mundo que o cerca e sua relação com escritor-poeta, pelo laço de criatividade que possibilita tal comparação, isto é, por fazer uso das palavras de maneira que foge da lógica pré-estabelecida. A liberdade da criança com as palavras e a percepção das coisas são comparadas com o criar do poeta, configurando suas subjetividades e constituindo um sujeito ligado à infância que é materializado nos enunciados contidos nos livros destacados.

Palavras-chave: discurso; subjetividades; sujeito; Manoel de Barros.

Abstract: The proposal in question proposes to discursively analyze the poems of the Brazilian writer Manoel de Barros (1916-2014), belonging to the Generation of 1945, but formally part of the so-called Brazilian literary postmodernism, aiming to reflect on the constructions of subjectivities which constitute the subject materialized in the statements of his writing. With regard to the theoretical-methodological support for analysis of the poems, French Discourse Analysis will be triggered, more precisely the concepts of enunciation, discourse, subject and subjectivity, defended by the philosopher Michel Foucault, in which we will support ourselves, which integrate to the archaeogene-logical proposal. As a recurring theme in the work of the featured poet, childhood gains a special place, being of our interest for this research, since the analyzes will concentrate on the subject connected to the construction of a childhood that appears in the writing of the above-mentioned author. To do so, three books will be taken as a cut: *The Book of Ignorance* (1993); *Book on nothing* (1996) and *Exercises of being a child* (1999), for presenting a subject of language in discovering the world that surrounds him and his relationship with writer-poet, by the bond of creativity that makes such comparison possible, that is, by doing use of words in a way that escapes pre-established logic. The child's freedom with words and the perception of things are

compared with the creation of the poet, configuring their subjectivities and constituting a subject linked to childhood that is materialized in the statements contained in the highlighted books.

Keywords: speech; subjectivities; subject; Manoel de Barros.

Considerações iniciais

O escritor brasileiro e matogrossense Manoel de Barros (1916-2014) se constitui em um dos mais renomados poetas que, ao longo de sua carreira, recebeu vários prêmios. Embora tenha se dedicado a outros gêneros literários, é na poesia que o poeta encontra sua especialidade, tendo escrito mais de trinta livros. A sua marca no cenário poético se dá por meio de uma temática recorrente ligada à infância, com destaque para a natureza e a linguagem. Esses três elementos aparecem de forma constante nos seus poemas, como traço que o caracteriza como escritor. Outro aspecto curioso é a linguagem coloquial, com marcas de oralidade e neologismos, que atribui ao escritor uma liberdade de expressão literária, como condição de sua época, integrante ao Pós-Modernismo.

Pensando na dimensão de sua escrita, a partir dos elementos destacados, no presente estudo propomos analisar três poemas contidos em três de seus livros: *O livro das ignorâncias* (1993); *Livro sobre nada* (1996) e *Exercícios de ser criança* (1999), procurando refletir sobre as subjetividades materializadas nos enunciados de seus poemas, a fim de perceber como se constitui o sujeito nos enunciados de sua escrita poética. Para tanto, o suporte metodológico pautado em Michel Foucault foi acionado, filósofo vinculado à Análise do Discurso de vertente francesa. Inicialmente, problematizaremos a teoria baseada em Foucault, com destaque para os conceitos de discurso, sujeito e subjetividades e, em seguida, analisaremos os três poemas, direcionando as discussões para as considerações finais.

1. O suporte teórico-metodológico: breves considerações

Nossa abordagem no que concerne aos poemas de Manoel de Barros apresenta seu fundamento no contexto da constituição de sujeito, como

método adotado para as análises. Nessa direção, as considerações do filósofo Michel Foucault no que tange a essa problemática apresenta-se como foco para essa pesquisa.

Como efeito da exterioridade, o sujeito em Foucault (1981; 2004; 2016) se constitui pelas relações de saber e de poder, sendo considerado, portanto, descentrado, tendo em vista que sua moldagem [do sujeito] vai se configurando a partir de suas práticas discursivas. Essa característica de não ser o centro de seu dizer se assenta no campo disciplinar da Análise do Discurso francesa, uma vez que percorre por um caminho epistemológico diferenciado sobre essa questão e o sujeito cartesiano é colocado em xeque.

Por meio das práticas discursivas do cotidiano, as relações de poder imperam, como aspecto determinante para a produção de sujeitos e de discursos. Foucault (1981) destaca essas relações no nível de microfísica, de sujeito para sujeito, não simplesmente do Estado para o sujeito como se defende em outras teorias, embora as instituições vinculadas ao governo mereçam atenção, o que entra nesse jogo é a condição de microforças (microlutas).

Foucault (2016) salienta que nas práticas discursivas os regimes de verdade influenciam a constituição de subjetividades, a maneira como o sujeito se constitui a partir de um imaginário, no seio da sociedade. Essas verdades se traduzem em saberes, em que os discursos são veiculados a partir daquilo que se diz em determinada época e lugar, bem como é abordado por Foucault (2008) em *A arqueologia do saber* (2008). No que concerne ao discurso literário, de acordo com Foucault (2009), ocorre uma espécie de ruptura e transgressão em relação aos regimes de verdades e à linguagem cotidiana.

Mergulhados na história, já que o sujeito em Foucault se constitui historicamente e de modo descontínuo, sempre em processo de formação, o filósofo sublinha que em cada época há regimes de verdade distintos (FOUCAULT, 2016), resultando-se na produção de subjetividades diferenciadas. Essas verdades, circulando em forma de discursos, são

determinadas por regularidades, são reguladas, como aquilo que pode ou não ser dito, que depende também do sujeito falante de determinado lugar social (FOUCAULT, 1996).

A noção de discurso em Foucault (2008) é alicerçada no contexto dos conceitos de formação discursiva e enunciado, que nos servirão de método para a análise dos poemas. Para esse filósofo, discurso corresponde a um conjunto de enunciados que integra uma mesma formação discursiva, esta, apresenta-se como portadora de regularidades, uma posição de sujeito, assim como o enunciado, algo efetivamente produzido e que funciona a partir de sua função enunciativa (possui um suporte material, uma data, uma materialidade repetível, um campo associado e uma posição de sujeito sobre determinado objeto). Da ordem da heterogeneidade, o sujeito se constitui por meio de várias formações discursivas, bem como afirma Foucault (2008) que todo enunciado é atravessado por outros enunciados. Pêcheux (2010) também defende essa ideia relacional entre discursos, por meio de um já dito, que se traduz em efeito de memória no discurso vigente, no presente da enunciação.

Nessa perspectiva de memória discursiva, que se confunde com o conceito de interdiscursividade, sublinha-se que o sentido de um discurso não está no que é dito, mas nos acontecimentos a sua volta. Assim, a noção de interdiscursividade traz à tona essa noção de sentido, o qual não se comporta de forma estática, mas sempre no âmbito da movência, em que um discurso se constitui a partir de outro e que está sujeito a se transformar, a desaparecer e a (re)aparecer com outros sentidos (FERNANDES, 2012), a depender de suas condições históricas de possibilidade.

A terceira fase de Foucault é marcada pela abordagem sobre a subjetividade, que se baseia na ética e estética da existência, bem como se verifica em *A hermenêutica do sujeito* (2004). As práticas discursivas que formam o sujeito determinam a forma de como ele se comporta em relação a si e ao outro, característica que nada mais é do que a constituição das subjetividades, que determinam o modo de ser do sujeito, pela sua relação com a linguagem e pela história, fator chave para nossas análises a seguir.

2. Subjetividades e a constituição do sujeito em Manoel de Barros

O primeiro poema integra *O livro das ignoranças*, de 1993, o qual é dividido em três partes, com seus poemas sem títulos, característica típica da escritura de Barros. Como já mencionado, nosso objetivo é identificar as subjetividades que constituem o sujeito materializado nos enunciados da escritura do referido escritor brasileiro.

//

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

(BARROS, 1993, p. 15)

Do ponto de vista de sua materialidade, o poema acima apresenta uma sintaxe reduzida, porém algumas palavras rebuscadas, “desinventar”, “begônia”, “gravanha”. Esses termos apontam para um sujeito que propõe uma outra ordem discursiva que não a das coisas no cotidiano de seus funcionamentos. Nessa direção, a subversão se faz presente, “Desinventar objetos”, “Dar ao pente funções de não pentear”, que configuram subjetividades vinculadas a um sujeito poético, cuja função é a de brincar com as palavras, assim como a criança com seu brinquedo.

Essas expressões que apontam para uma subjetividade se ligam a uma memória, pelos não ditos que permeiam os enunciados: “desinventar” aponta para invenção, assim como “Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma” sugere que toda palavra em uso cotidiano integra uma língua. O regime de verdade estabelecido é o da desordem em relação à naturalidade do mundo que o cerca, que, no encontro entre o pré-estabelecido usual e o discurso apresentado acaba provocando um conflito, que não escapa à ruptura e à transgressão, caráter próprio do discurso literário (FOUCAULT, 2009).

Essa semelhança de ir de encontro à ordem tomada como normal das coisas pode ser percebida no segundo poema, contido no *Livro sobre nada* (1996):

*Prefiro as linhas tortas, como Deus. Em menino eu
Sonhava de ter uma perna mais curta (Só pra poder
Andar torto). Eu via o velho farmacêutico de tarde, a
Subir a ladeira do beco, torto e deserto... toc ploc toc
Ploc. Ele era um destaque.
Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo ha-
veria de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo
a ladeira do beco toc ploc toc ploc.
Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.*
(BARROS, 1996, p. 39)

A constituição do sujeito é marcada pelo desejo de possuir subjetividade que é negada socialmente, como contraposição daquilo que é da ordem do não desejável. Frente a esse discurso, as relações de poder podem ser percebidas pela sugestão de como a sociedade se relaciona com a (a)normalidade de um sujeito, isto é, o que está fora de ordem. Possuir uma perna mais curta integra uma condição de submissão, inferioridade, assim como determina o regime de verdade do que é considerado normalidade social, embora pertença ao campo físico, construção historicamente projetada, e cria esse efeito de memória no discurso apresentado.

A hermenêutica desse sujeito declarado criança, pelo retorno no tempo para tal relato de desejo, é evidenciada, “Em menino eu sonhava de ter uma perna mais curta”, tendo em vista que, de acordo com Foucault (2004), o cuidado de si e o comportamento em relação ao outro é sugerido nos enunciados do poema. Assim, o sujeito aponta o comportamento do outro (a sociedade) em relação a essa “anormalidade” física e toma para si esse desejo para ser observado, no intuito de chegar ao patamar de Deus, ao nível da “sagração”, o “Eu” com “E” maiúsculo cria esse efeito de aproximação de si com o ser criador. Dessa forma, as relações de poder e essa subjetividade

subversiva são materializadas no seio da hermenêutica, configurando esse sujeito ligado à infância, por verdades outras (FOUCAULT, 2016).

*O menino era ligado em despropósitos.
Quis mostrar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
Gostava mais do vazio do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
E até infinitos.
Com o tempo aquele menino
Que era cismado e esquisito
Porque gostava de carregar água na peneira.
Com o tempo descobriu que
Escrever seria o mesmo que carregar água na peneira*
(BARROS, 1999, s.p.)

Colhido do livro *Exercícios de ser criança* (1999), o poema acima está em consonância com os discursos dos demais analisados, pelas subjetividades subversivas materializadas e por evidenciar um sujeito vinculado à infância: “O menino era ligado em despropósitos”. Essa subversão, que nos enunciados apresenta-se de forma metafórica com a escrita do poeta, pode ser percebida em vários enunciados: “Gostava mais do vazio do que do cheio”, “Que era cismado e esquisito”, “Porque gostava de carregar água na peneira”. O sujeito enunciativo, em terceira pessoa, ligado ao meio social em geral, por um regime de verdade que não a do sujeito sobre o qual discursa, sugere esse exercício de poder (FOUCAULT, 1981) que sublinha essa diferença de subjetividades.

Segundo Pêcheux (2010), a memória discursiva, que é da ordem da interdiscursividade, apresenta-se no discurso, apontando a heterogeneidade discursiva e do sujeito. Nos enunciados, o sujeito ligado à infância é materializado como metáfora do poeta pela sua relação com a linguagem e com os regimes de verdade outros que fogem do cotidiano, bem como se verifica nas subjetividades do sujeito do discurso. A formação discursiva que impera o ato da escrita de um poeta é a do sujeito da infância, contrapondo a uma ordem estabelecida e tomada do que é considerado normal na realidade.

Considerações finais

Pelas análises realizadas dos três poemas escolhidos, do escritor brasileiro Manoel de Barros, a conclusão que se chega é que os discursos se assemelham do ponto de vista de as subjetividades materializadas pertencerem a uma ordem que foge do cotidiano, dada pela transgressão. Assim, o sujeito ligado à infância é elencado de modo a ser comparado com o poeta, pelas suas práticas discursivas que rumam à linguagem literária.

Referências

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1993.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo. Martins Fontes. 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: MOTTA, Manoel Barros (org). **Michel Foucault – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. (Ditos & Escritos. v. III) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p.28-47.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010, p.49-57.